

Publica-se nas quintas-feiras e sabbados. Subscreve-se nesta typographia.

## POLITICOS E LITTERARIOS.

O preço da assignatura é de 2\$ rs. por trimestre, pagos adiantados.

Rio de Janeiro. Typ. Imperial e constitucional de J. VILLENEUVE e COMP., rua d'Orvidor N. 65.

## INTERIOR.

O que hoje mais caracteriza a politica do Governo do Brasil, é a sua funesta tendencia a romper o equilibrio dos sentimentos geraes, e dos principios, e a constituir os em estado de luta intestina com os sentimentos e interesses peculiares do Poder. Porque não demitte elle Presidentes, assignalados por atropellar todos os direitos, por animar o homicidio da maneira a mais immoral, e repugnante, como o Presidente do Ceará? É porque esse individuo é util á causa particular do Poder, embora excite elle o descontentamento, e até mesmo a indignação do Brasil. As ideias de conveniencia geral, a necessidade do respeito das instituições, o espirito de conciliação dos partidos nas Provincias, são elementos, que parecem não entrar nas combinações do Poder a respeito das escolhas. O que elle requer essencialmente nos individuos, é que obrem nos interesses directos, e immediatos, não do Brasil, mas do Governo; todas as outras considerações são indifferentes; pouco importa que promovam a concordia, ou se meem a divisão nas Provincias; pouco importa, que governem pela violencia, ou pela justiça; segundo o systema actual, os governos devem guiar-se pelo impulso unico das sympathias individuaes, e não pelas exigencias da opinião publica. E a este respeito a politica hoje dominante tem dividido o Brasil em dous campos: em um classificou a grande maioria d'aquelles, que se mostram avessos á marcha do Governo; em outro os seus partidistas sinceros ou interessados. Os primeiros receberam a denominação de inimigos pessoas do Regente, palavra de guerra, opposta diametralmente ao espirito do systema representativo, aonde não ha amigos, nem inimigos individuaes, mas sim adversarios ou partidistas desta, ou aquella maneira de governar o paiz.

Collocado n'esta situação, o Governo tem-se tornado o chefe parcial de um partido, e não o Governo geral do Brasil. Os votos do partido adverso, que ataca a administração, em nenhuma hypothesis devem ser julgados dignos de ser attendidos pelo Poder; elle se supõe obrigado á repellir todas

as exigencias do paiz, uma vez que a Opposição as advoga: «é preciso não transigir com inimigos» tal é o grito d'ordem do partido interessado no presente estado de cousas; tal é a consequencia d'essa triste posição. Os máos Governos commettam um erro de calculo contra seus proprios interesses, quando se recusam á uma medida pelo unico motivo de ser solicitada pelos homens, que elles crêm seus inimigos; esta cega e culpada desconfiança expõe á muitos riscos. O que os adversarios de um governo se obstinam em pedir-lhe, não é precisamente o que acarreta utilidade directa para a sua causa, mas sim aquillo, cuja repulsa prejudicará o Poder, que combatem. Elles estudam as disposições do publico, indagam, que votos póde formar, por quaes sentimentos se deixa mover; e quando uma vez obtiveram uma tal descoberta, a fazem valer com ardor; e o Governo que por suspeita dos homens, resiste então ás cousas, desacredita-se para com o publico, que desejava realmente, o que pedia a Opposição; sem unir consequencia alguma á esse voto. Uma grande parte das questões, que hoje se agitam, são deste caracter. A Opposição reclama a demissão do Presidente do Ceará, não porque dahi resulte utilidade directa para a causa de um partido, mas sim porque julga, que tal é o voto do paiz, que tem altamente desaprovado a administração violenta, e immoral daquelle funcionario.

O Governo porém tem para si, que a sua vontade, e interesses são não só distinctos, mas tambem independentes da sociedade, sobre a qual elle se exerce, como o lavrador sobre o solo que o nutre. Dahi resulta, que é um governo votado á considerações puramente individuaes, e incapaz de distrahir-se d'elles, para curar dos interesses de todos. Exclusivamente absorvido na questão das pessoas, elle olvida o Brasil, e illude os fins da sua missão. Por qualquer lado que seja encarado o actual Governo, revela-nos sempre o mesmo espirito. Qual é a causa do seu rancor contra a Imprensa? O extraordinario Decreto de 18 de Março faria suppôr a existencia de uma crise ameaçadora no Estado produzida pela imprensa; faria suppôr, que as nossas instituições, a ordem, e a in-

tegridade da monarchia se achavam em perigo, e que por isso reclamavam promptos e grandes meios de salvação. Entretanto nada disso existia, e nem existe presentemente; o amor proprio individual ferido pelas faccias de um Journalista, eis a verdadeira, e unica causa de um tal Decreto. Para vingar a sua causa particular, o Poder não hesitou em violar a Constituição, e as leis do Imperio com o fim de algar a liberdade de escrever. Em todos os actos do Governo cumpre procurar-se sempre motivos individuaes.

O desacordo entre o Ministerio, e a Camara, é evidentemente um mal incalculavel para o paiz; elle empece a marcha da Administração, a priva de todos os meios de acção, e tira-lhe por fim a força moral, esse elemento indispensavel para o successo dos governos. Ora, o meio unico de remover esta situação, seria evidentemente o de organizar-se um Ministerio apoiado nos principios, e na opinião da Camara. Mas ainda a este respeito as sympathias ou os rancores pessoas tem falsificado o regimen representativo: as considerações da causa publica, as necessidades da vida representativa, não entram por cousa alguma na balança da politica actual; as amizades ou inimizades regulam todos os calculos, com detrimento dos interesses e da dignidade de Brasil. Um Rei de França dizia «o Estado sou eu.» O Governo do Brasil parece estar dominado pelo mesmo pensamento; parece considerar o Estado como patrimonio seu assemelhando a direcção dos destinos publicos a gestão de negocios privados. Aquel le Rei de França ao menos havia protegido as artes, as sciencias, a industria, e aberta a França de gloria. E o que nos pôde dar o Governo actual do Brasil? o abandono e atraso de tudo aquillo, que contribue para a riqueza, a illustração, e a glori das nações.

A Comissão da Camara dos Deputados nomeada para examinar a denuncia dada pelo Sr. Henrique de Resende, contra o Decreto de 18 de Março, apresentou o seu parecer. Ella afirma que o dito Decreto constitue uma manifestação manifesta d

Constituição, e do Código Penal, e por consequência é de parecer, que, julgada precedente a denuncia, se prosiga nos termos da lei.

O QUE SE DEVE ENTENDER POR — METAPHISICA E PLANTA EXOTICA — EM PHRASE OFFICIAL.

Não foi sem systema e sem principios, que ousamos trabalhar na difficil tarefa do jornalismo. Nós determinámos o ponto da partida, estabelecemos uma marcha regular, e impoemos a nós mesmos um fim, uma missão, que procuramos realizar com toda a lealdade e firmeza, sem attendermos a individúos, ou a partidos. O systema do Jornal dos Debates, o ponto da sua partida, é a Monarchia Constitucional. A sua marcha regular tem sido, o sustentar as formas representativas, como unicas garantias do systema adoptado pela nação. O seu fim é o de combater o Poder, chamal-o á ordem, quando, em despeito do regimen representativo, das esperanças e tendencias da nação, elle se desliza da unica vereda possivel ao estado das nossas cousas politicas. Tal tem sido o seu procedimento. Entretanto, com grande surpresa nossa é taxado de *metaphisico* pelo Jornal do Governo; suas doutrinas, puramente constitucionaes, são reprovadas por elle como *plantas exoticas*. E para que a reprovação caia ainda mais vergonhosamente sobre o Jornal dos Debates, diz-se que quer *afrancezar* o Brasil. De que systema procede tão extranho methodo de argumentar? De que verdade occulta, ou de que combinação de principios nasce semelhante maneira de rebater os factos que apresenta, e de refutar as suas ideias? Por ventura o regimen representativo, que sustentamos, é *planta exotica*, que se não quadra ás nossas circumstancias? Não temos os uma Monarchia Constitucional Representativa? ou quererão que isto só exista em nome? Quererá o Correio Official revelar-nos, que o systema representativo é *metaphisico*, e *planta exotica*, porque o Governo não constitucional?

Mas nós não podemos fazer tão grave accusação ao Governo, como o faz o seu proprio Redactor, sem ao mesmo tempo denunciar-o de alta traição. Pois que! O Brasil que até hoje tem lutado contra todas as difficuldades, apresentadas pelo velho regimen, e pelas ideias ultraliberaes; o Brasil intelligente, que manifesta uma só vontade na materia de forma de Governo; o Brasil desde a sua independencia até o dia 7 de abril, desde esse dia até hoje se tem sacrificado pela Monarchia Constitucional Repre-

sentativa, pederá ouvir de sangue frio que tal systema é *planta exotica*? E somos nós por ventura, nós que sustentamos este systema, que é o da Nação, que queremos *afrancezar* o Brasil? Somos nós acaso os auctores da Constituição do Estado? Certamente ella não é tão original, que não fosse modelada pela Constituição do França ou de Inglaterra; e debaixo deste ponto de vista esses principios tanto são Francezes como Inglezes; o que vale o mesmo que dizer, que são os principios do senso commun, os principios do mundo civilisado no seculo XIX, os unicos principios que tem sustentado o J. dos Debates, os unicos que o Brasil deseja. Apesar disto somos *metaphisicos*; os exemplos apresentados tirados da politica Ingleza ou Franceza são *plantas exoticas*; e o Jornal dos Debates quer *afrancezar* o Brasil! E o que quererá o Correio Official? *Barbarizar*—nos será duvida? O systema Constitucional nasceu por ventura entre nós? veio-nos elle dos Tapuias, ou da Costa d'Africa? Pretende o Governo que, em lugar de irmos ver o que fazem Inglezes e Francezes, que nos deram o exemplo da Monarchia Constitucional, para por elles guiarmos, convertamos em verdades normaes os seus desvios, e citeamos factos em seu favor tirados da historia das nações barbarescas? Não; nós não podemos crer um só momento que tal seja a intenção do Governo; apesar dos factos *sui generis* que elle hoje apresenta, apesar dos principios, que elle sustenta, e que estão bem distantes do systema representativo; apesar mesmo de todos os erros do Governo, nós não julgamos que elle dirija seus esforços para derrubar a Constituição, e a liberdade legal; seus erros serão talvez mais de intelligencia, que de vontade. Mas o Correio Official compromette gravemente o Governo. Acostumado a defender tudo, a sustentar tudo, elle baralha as epochas, e se esquece a que ministerio está servindo, e que principios em dia deve expôr. Triste consequencia de quem não tem systema seu, de quem renunciou a sua propria consciencia, e se propõe para advogar todas as cousas, e de sacrificar por ellas a razão, a verdade, o decôro e os principios. O Correio Official é o maior inimigo que o Governo tem hoje, porque o compromette, elle o trahê, e nos revela uma doutrina anti-Constitucional, anti-politica, anti-parlamentar: elle nos faz crer que o Governo tem vistas sinistras de atacar a Constituição, de derrubar a liberdade de pensar e de escrever; elle nos diz que as formas representativas são plantas exoticas, e que o nosso terreno não está preparado para isto, sem se lembrar que ha mais de 12 annos que o Brasil se governa por es-

tas formas. Nós perguntamos ao Correio Official para que pois está preparado o Brasil? Que systema nos deve reger, e que theoria é a sua, visto que a do Jornal dos Debates passa por metaphisica? Qual é? nós poderíamos responder. É fazer guerra aos principios, porque elle não convém, porque não tem systema, nem principios; porque quer que a vontade se ponha em lugar da verdade, o capricho em lugar dos principios; porque quer um Governo sem modello, sem regra, para não soffrer exemplos, nem objecções, e ter o campo mais livre para suas excursões caprichosas, Governo em summa *sui generis*, adequado, não ao Brasil, mas ao Poder. Como não combateremos um Poder, que se escolta de taes defensores? um Poder, que se inculca offensivo do regimen representativo? Nós tambem somos Cidadadãos Brasileiros, e soffremos com esta linha de divorcio entre a Nação e o Poder; mas ainda não abdicamos a falcidade de pensar livremente. Não nos votamos a homens como escravos a seus senhores, votamo-nos a principios; e aonde os nossos se apresentam, ali estaremos para pugnar por elles. Hoje pela opposição, porque ella é justa, porque ali estão os nossos principios; amanhã pelo Governo, si elle entrar nos limites marcados pela lei, e pelo systema representativo. M.

Pede-se-nos a inserção do seguinte:

AO REDACTOR.

Como no numero 23 da sua folha, um artigo sobre os monumentos d'esta Capital, com justiça classifica o edificio da Academia das Bellas Artes, um dos tres unicos filhos de architectura, estranhos á allusão de reflexos bastados da arte, e mais abaixo diz, que não pôde deixar de lamentar, que o melhor edificio, que temos, esteja metido em um beco, sem luz, e espaço para ser visto: é bom que se assignale tambem ao publico um facto recente, que basta enunciar despido mesmo de qualquer reflexão, para provar a razão de todas as suas censuras. O ultimo relatório do Ministerio do Imperio, tratando das Academia das Bellas Artes, diz pouco mais ou menos, o que vem no artigo do seu Jornal, acrescentando, que a despesa necessaria para deitar abaixo algumas barracas, que ha defronte do frontispicio daquella Academia, e a que com razão chama um dos mais elegantes edificios que temos na Capital, não excederá a 80000000 de réis: entrando em discussão na Camara dos Srs. Deputados, o orçamento daquella ministerio; lembrou-se um membro d'ella, (apesar de não ser Deputado do Rio de Janeiro) propor,



que se desse aquella quantia, para se abrir uma praça semi-circular de frente da mesma Academia. Porém, qual seria, Sr. Redactor, o resultado d'esta proposta. Era de crer, que na Camara onde todos os dias se votam contos de réis para despesas improductivas, e de mero interesse individual, se votasse á unanimidade por tão bella ideia. Infelizmente, porém foi rejeitada!! No tempo de um Rei absoluto, fez-se o melhor edificio, que ha no Rio de Janeiro, para n'elle se ensinar as *artes liberas*, quando o Brasil era unido a Portugal, donde era provavel, que o Rei, e todos os seus Ministros lá nascidos, fossem mais amigos. hoje que o Rio de Janeiro é a Capital de um Imperio independente, que se diz regido pelo *systema liberal*, nega-se uma insignificante quantia para levar a effeito o plano de abrir uma praça, donde esse mesmo edificio possa ser apreciado!! Hoje em dia esta obra se faria apenas com 8:000\$000 de réis, entretanto que quando no porvir, se quizer remediar este mal, ella custará a nação mais contos de réis, que a somma de todas as pensões, e loterias, que n'esta sessão tem prodigalizado a Augusta Camara. Resta, porém a terceira discussão do orçamento, e fazemos votos para que a Camara remedee então semelhante desacerto.

## LITTERATURA.

## LORD BYRON.

A poesia é a mais viva e a mais nobre expressão de uma epocha; é a representante das ideias e opiniões de uma nação; é a historia de seus hábitos e grão de illustração. Para que se popularize a ideia, que a philosophia exprime com seus axiomas, a historia com seus factos, a religião com seus sym-bolos, e as artes com suas formas, cores, e sons, é necessario que a poesia a absorva, e depois a desenvolva, por meio da energia de suas sublimes imagens e inspirações. Como conhecemos nós a civilização e a historia do Oriente, d'essa mystica patria das religiões e do enthusiasmo? Pelas grandes epochas Indias, de cem mil versos, em que os combates, os heroes, e as ficções, tudo é magistoso e gigantesco, como os cumes de Himalaya, e o leito do Ganges: pelas heroicas tradições da Persia, miscellanias extraordinarias de austeridade religiosa, e de apaixonada voluptuosidade, de abstracção metaphisica, e de ingenuas graças: pelas pinturas maravilhosas dos Roseos jardins de Sadi: pelas mysticas poesias dos Sufis; pelas amargas melancolias de Job, pelos extases profeticos de David e de Isaías; pelas ficções, e grandioso Alcorão de Mahomet, obra immensa de legislador e de poeta; pelos canticos impetuosos dos Arabes, dotados de tão bizarras, vaporosas, e perfumadas imaginações; e pelas finas e agudas ironias dos Chinas.

Como conhecemos nós os usos heroicos dos Gregos e Romanos? Por meio dos seus sublimes Vates, dos Homeros, Sophocles, Eschylos; Pindaros, Horacios, e Virgilio. E tambem a media idade comprovára a nossa asserção, trazendo-nos os Dantes, Petrarcas, Boccacios, os Trovadores, e mais populares Poetas: seria longa a viagem, se mais expendessemos este axioma, portanto cheguemos ao começo do Seculo XIX, representado e individualizado em Lord Byron, que é a principal personagem, o heroe do drama, que esboçamos.

Os ultimos annos do Seculo XVIII se cobriam de luto e de opprobrios: a revolução franceza, echo das ideias materialistas do Seculo, filha legitima das doutrinas encyclopedicas, tudo havia destruido, systemas, crenças, opiniões, e costumes. Um audaz soldado, que se elevava até o throno, repentinamente se echo em toda a Europa, e popularizou as suas ideias, através de rios de sangue, e de montões de cadaveres. Tudo era incerteza, duvida, incredulidade. O systema do scepticismo, consequencia exacta de uma metaphisica de morte, prevalecia geralmente: — Passai, mortaes de um dia, que não fosteis arrojados n'este deserto pela Providencia, mas sim por puro capricho do acaso; passai mortaes de um dia, não vos fieis na vida: por que haveis de morrer... mas ao menos gozai-a. Seja docil a vossa vida, sejam de amor os vossos cantos, sejam voluptuosos os vossos suspiros —.

Em 1788 na Cidade de Douvres nasceo Jorge Gordon, Lord Byron, descendente de uma nobre familia: e ás scholas de Harrow e Cambridge foi passar a sua infancia. Dotado de uma ardente imaginação, de uma belleza sem igual, engolphado nas leituras de Rousseau, d'esse Democrito moderno, se arrojou no seio dos prazeres amorosos, percorreu todo o labyrinth das delicias sensuaes, e por fim desesperado de não mais encontrar novos prazeres, perdido no vacuo das paixões, deixou a velha Britannia, e embarcou-se, e visitou extranhos paizes. Portugal, Hespanha, Grecia, e Turquia, foram o theatro de suas excursões: aborrecido de tudo o que via, furioso contra a humanidade, não sostenido pelo enthusiasmo religioso, e pela doçura spiritual, regressou á Inglaterra, onde pouco tempo depois casou-se com uma nobre herdeira, Miss Milharker. Porém seu espirito de altivez, sua união politica com os Whigs, e mesmo seu genio, que com nada se coadunava, e outras causas, que ainda ignoramos, o obrigaram repentinamente á desamparar para sempre a esposa, a filha, e os lares patrios.

Atravessou a Allemanha, Hollanda, Suissa, e demorou-se na Italia, paiz do seu coração, segundo elle dizia. Lançou-se sem freio no turbilhão da voluptuosa Veneza: o amor ao redor d'elle espalhou milhares de flores e de perfumes: muitas donzellas veneziannas, de nobres familias, se deixaram consumir d'essa forte paixão, d'esse vasto e furioso amor das plagas banhadas pelas ondas do Adriatico, prompto á viver e a morrer, resignado á consumir-se de exaltação e de extase. O perfido n'ellas não vio mais mais que victimas, respirou-lhes o alito inflammado, e o suave perfume, e

quando, pisadas, as folhas das rosas murcharam, elle deixou-as... Infelizes, inquietas amantes, que tudo a elle sacrificasteis, honra, reputação, e vida, tomai o exemplo, não mais vos fieis...

Não mais o deo sorriso ao teu responde;  
Si n'alma inda conservas um suspiro,  
Por mim, rogo-te, deixa-o; os teos olhos  
Sobre mim seu imperio já perderam.

Tal foi a resposta, que elle deu á Julia, á uma infeliz, que se esforçava em balde em ouvir ainda uma vez aquellas palavras de fogo, com que os amantes briadam as amadas.

Quantas vezes sentado elle na ponte dos suspiros, entre um palacio e uma prisão, entre os prazeres da vida, e as dores da morte, se extasiava, vendo uma cidade levantar-se do seio do mar, como, por encanto, sorrindo-lhe através dos marmores restos de uma gloria moribunda, e então na exaltação poetica, n'esse momento, em que galopava o sangue nas veias, bate o coração, esquenta-se a fronte, e de um quasi profetico calor se revolve todo o cerebro, como si a Etna n'elle projetasse suas lavas... n'esse instante de quasi furor exalou elle o admiravel começo do quarto canto de Child Harold... Harold, criação de sua imaginação sublime, relação exacta de suas viagens e de sua historia, espelho, onde reverberam todos os seus sentimentos, todas as suas paixões...

Quantas vezes passeando no Lido, recreio dos Veneziannos, lembramo-nos nós que ali Lord Byron, recebendo nas faces sopro minoso do Adriatico, se elevava, com arrojado vôo d'agua, ás mais sublimes concepções poeticas? O mar maravilhosamente se estende, a branda viração beijava suas faces, as montanhas da Illyria se arrojavam nos ares, a Campanila de S. Marcos de longe se avistava, um céu voluptuoso nos abraçava, mil gondolas dispersas passavam e repassavam. Ah! Quem vio Veneza, vio a maravilha, o diamante do Universo, e só pôde fazer uma idéa de suas belezas. Sim, no Lido Byron confiava á torrente as inspirações de seu genio, ao murmúrio das vagas communicava seus melodiosos suspiros...

Si minha fama fôr, como tem sido,  
De fragil duração minhas fortunas,  
Si do templo, em que mortos são honrados  
Pelas nações, o triste esquecimento  
Risco de vicio nome.... Que assim seja!

Sim, suas fortunas tinham sido prematuras, seus prazeres tinham passados rapidos como o raio, a taça dos deleites tinha fel no fundo, e a austera melancolia se apoderára d'elle, porque não acreditava na immortalidade, porque nenhuma ideia de gloria lhe restava além do tumulto, e do nada!

A incredulidade está na superficie da materia, caval a terra, e encontrareis o céu.

Apartando-se de Veneza, retirou-se á Ravenna, onde por algum tempo o releve o tumulto de Dante Alighieri. Sim, o tumulto de Dante, porque elle amava os tumultos, os desertos, as infellicidades: o tumulto era o unico amigo, que lhe restava, e no tumulto achou inspirações. Passou á Roma: visitou o Colyseu, o Pantheon, o Palácio de ouro de Nero, e dos Imperadores, o mausoléu de Adriano,

os tumulos dos Scipions, e de Augusto, a fonte Egeria, e as catacumbas.

Oh Roma! Minha Patria! De minha alma  
A mais cara Cidade! De cabidos  
Imperios, Mãe desamparada e triste!  
Os orlões de coração vem contemplar-te,  
Vem procurar alivio á seus tormentos  
No gremio teu, oh Mãe dos infelizes!  
Tu, que somente um dia rala as dores,  
Ah! vem ver os cyprestes, vem ouvir  
Os cantos dos nocturnos mochos fúnebres;  
Vem pisar estes thronos em pedaços,  
Estas ruínas de templos carcunidos.  
Um mundo aos pés está, como nós fragil!

É em Roma, que toda a potencia dos poetas se mostra; nós nada conhecemos em poesia, que possa igualar o quarto canto de Child Harold, que é a sua viagem de Venesa até Roma. As brilhantes qualidades, que adornavam o seu genio, a singular facilidade de emoção, que em alto grão o caracterisava, a inexgotavel variedade de imaginação e de força, e ao mesmo tempo uma amarga ironia, e desesperada philosophia, transbordam em suas composições. Os thesouros de poesia lyrica, elegiaca, e dramatica, são prodigalisados á mãos cheias. Porém tambem, quando pisa sobre o pó dos heróes, sobre essa terra classica e santa de grandes acções, um sorriso sombrio, e quasi que de alegria lhe escapa dos labios, parece um genio de mal curvado sobre os tumulos, blasfemando!..

Estes apostrophes dirige elle ao homem:

Quanto te abusas, debil, fraco insecto,  
Com teos projectos, orenças de virtudes,  
Com tuas esperanças de um futuro,  
Com tua opinião de espirito e alma!...  
Eu cá sei descrever teos sentimentos  
Os mais occultos, mas aos pés os piso!  
Tuas flores as piso, d'ellas rio-me!

E a Deos, autor do homem:

Na desordem geral da natureza,  
Da humanidade em fim, dize, to rogo,  
O que é a Providencia:

E em fim á sociedade:

Não és mais que terrivel ironia.

Extraordinario e singular homem! Como devoraria ser odiado e aborrecido, si o genio, e a tua heroica morte te não desculpassem essa mordacidade, e odio contra a natureza humana, que de continuo professa! Que existencia, que vida agitada, perseguida, e digna de o ser!... Mas que morte gloriosa e triste!... Ella o salvou, ella lhe fez tudo perdoar! Na idade de 37 annos expirou em Missolonghi, tomou no tumulo o primeiro lugar entre os martyres da liberdade, entre os Botzaris, e Canaris, modernos Epaminondas, reivindicou para si a iniciativa da consagração da causa santa dos Gregos. Uma tal morte, modelo de heroismo, é sem duvida nobre e bella: morrer por uma tão santa causa, em defeza da civilização, independencia e liberdade, é felicidade humana, digna de ser invejada! Todos os erros de nossa vida se compensam por essa aurora de gloria!

Morreo Byron em uma terra estrangeira, só,

abandonado dos seus, longe de uma esposa, que elle despresára, de uma filha, que tanto amára, da innocente Adda, e longe da patria, que apesar de suas injustiças para com elle, de sua ingratição, elle amava!... Ninguém lhe assistio á seus ultimos momentos para lhe perdoar, e ser perdoado!... Reuni-vos, Santa Hellena, Ravenna, Missolonghi, reuni-vos, tumulos sagrados do infortunio, e da gloria!

Então a Inglaterra se ergueo do seu lethargo, e foi disputar á Grecia a gloria de conservar os restos do Bardo, que a tinha vindo defender. A força n'este mundo é o direito, e os malvados, que despojaram a Grecia de tantas ruínas, de tantos tumulos antigos e preciosos, que arrancaram as bellas columnas do Parthenon, roubaram-lhe tambem as cinzas de Lord Byron, para as transportar á Hucknell, em Nottingham, e as depositar ao lado das de sua mãe. É mister entretanto que Westminster reclame essas cinzas, e eleve ao Bardo de Douvres um mausoleo entre Shakpear, e Milton.

Porque não fazes, oh Florença, o mesmo?  
Porque não pedes á Ravenna as cinzas  
Do Poeta maior, que a Italia teve?  
Porque não reivindicas o teu Dante,

Tratemos agora das suas obras. Ellas são a reflexão de sua epocha, a expressão dos mudaveis sentimentos e paixões, que a caracterisavam; ellas são a revelação das incredulidades e phrenosis, que sahiram do tempestuoso intervallo, em que se confundiam o primeiro grito vital de uma sociedade nascente, e as convulsões de outra, que expirava. Grande melancolia e desgostos superabundam em todos os seus escriptos, revestem com sombras suas mais ricas concepções, e dão á sua lyra a apparencia de uma continua protestação contra a humanidade. Embebido no scepticismo, e materialismo do seu tempo, via elle um presente sem esperanças, e sem futuro; e por isso só nas ruínas, nas desesperações, nas scenas de morte e de dores achou elle inspirações; e não tem n'isso rival algum. Nenhum vate arrancou das cordas fúnebres de uma lyra desesperada mais harmoniosos accantos, e tão penetrantes pensamentos.

É impossivel descrever a impressão, que nos causa a leitura de Manfred, do Corsario, do Giaour, de D. João, poemas que desenvolvem toda a sua infernal harmonia, e todas as immoralidades, e horrores de sua vida, adornados com a mais prodiga e extrema riqueza de variações: é impossivel descobrir o seu segredo, quando penetra nas mais reconditas fibras do mysterioso coração humano, quando descobre esses indifiniveis sentimentos, que nos exaltam, e apaixonam. Não brilha em suas composições o balsemo sagrado de Job, d'esse cantor Oriental dos terrestres infortunios, porque elle não tem fé, nem esperança. Não há aquella dor elevada, e ao mesmo tempo consolada pela immortalidade e eternidade de loung, porque elle nada acredita. Ha um materialismo encarnado, que desespera, e atemoriza, ha um despreso mundano, de quem já se embrenhou em todos os praseres sensuaes, de quem já sorveo todos os gosos das

paixões, e que já n'ellas não encontra praseres, estando saciado. Porém ha tanta poesia, tão fiel pintura de amores e dilicias, que ao mesmo tempo encantam.

Eis os seus ultimos adeos á Inglaterra:

Adeos, terra natal, que desapareces  
Sobre as ceruleas agnias; muge o vento,  
Suspiram com furor as fortes vagas;  
Os gritos da gaivota repercutem;  
O sol seguimos nós, que vai fugido  
Do Oceano ao Palacio recostar-se.

Adeos p'ra sempre, oh Patria, adeos Britannia!

Quem pôde se fiar nos vãos aspirios,  
De uma esposa ou de amante? Chammas novas  
Breve estes olhos seccarão tão humidos!  
Não me afflige a saudade dos praseres  
Passados, nem os p'rigos, que ameaçam...  
Funge-me a dor de não ter deixado  
Que uma só reclamação deva-me lagrima.  
Contigo alegre fujo, oh meu navio!  
Pouco me importa a que paix me leveas,  
Com tanto que não seja a Patria minha!  
Salve, ceruleas agnias, salve montes,  
Oh grutas, oh desertos, salve oh prados!  
Adeos p'ra sempre, oh Patria.

Quando de uma lingua se passa para outra uma obra poetica, tem-se o mesmo trabalho, que se despeçasse de um vaso em outro uma agua perfumada e odorifera, e cujo perfume muito se perde no momento; por tanto, esta triste tradução nossa não é mais que uma pallida copia, sem o perfume, que exhalou-se, e os leitores sabem desculpar.

Child Harold, Parisina, o Prisioneiro de Chillon, e Lara, são os poemas, que nós mais gostamos, porque n'elles, além da prodigalidade natural de poesia, que espraia Byron nas suas composições, ressumbra um pathetico doce, e de natureza um pouco celeste, e não reflectem aquelle espirito de immoralidade, e de desgosto, que elle tanto entremecia nas outras suas obras. Entre as suas tragedias, talhadas á maneira Shakspirianna, e cheias de bellezas verdadeiramente dramaticas, damos a preferencia a Sardanapalo, e a Marino Faliero, e as desejaríamos ver traduzidas por habil mão em nossa lingua, assim como os poemas que acima apontamos.

A schola de Lord Byron, depois de haver muito influido nas composições de outros poetas modernos, devia cessar com o renascimento da civilização actual, toda spiritualista, e inspirada pelo puro christianismo. Ella foi o adeos ultimo do materialismo, o arranco derradeiro da velhice do passado seculo.

No entanto, oh Brasileiros, dai uma lagrima á Lord Byron, ao primeiro e o mais sublime poeta do nosso seculo; e si passardes por acaso por Hucknell, ide visitar seu tumulo, e lá, mormurando o cantico dos mortos, não deixeis de pronunciar seu nome. O tumulo é o selo do mysterio, e Deos vos gratificará.

P. S.